

Mundo Guerra civil provocou 8,6 milhões de deslocados e refugiados

O inferno do Sudão ameaça tornar-se pior e nem El-Fasher vai escapar

Milícias rompem neutralidade e combates chegam à única cidade do Darfur que escapou aos horrores de um ano de guerra devastadora que fez 15.550 mortos

António Rodrigues

A última cidade do Darfur que se tinha mantido à margem da violência da guerra civil do Sudão está agora à beira de sofrer a mesma sorte. Deste último conflito entre o Exército sudanês e as Forças de Apoio Rápido (RSF), que na segunda-feira completou um ano, El-Fasher, a capital do Darfur do Norte, não sentira o impacto senão com algum fluxo de deslocados para juntar aos que se foram refugiando na cidade desde os tempos do genocídio de 2003 e que fizeram subir a população para mais de meio milhão de habitantes, segundo a ONU. Da violência directa, porém, tinha conseguido escapar.

A cidade onde, em 1937, a pioneira norte-americana da aviação Amelia Earhart aterrou para abastecer o seu avião na tentativa de dar a volta ao mundo que acabou tragicamente com o seu desaparecimento no Pacífico, beneficiara do acordo de neutralidade (Acordo de Juba) assinado pelos grupos armados do Darfur. Até agora vinha funcionando como base de apoio humanitário das Nações Unidas para a região, uma vasta área com mais de cinco vezes o tamanho de Portugal que ocupa quase todo o oeste do Sudão. Já não é assim.

Há uma semana, as duas principais milícias darfurenses, a do governador do Darfur, Minni Minawi (facção mais importante dentro do Movimento de Libertação do Sudão, SLM, e que assinou o acordo de paz de 2006), e a do ministro das Finanças sudanês, Gibril Ibrahim, decidiram romper a neutralidade e juntar-se às forças do Exército para combater as RSF.

Em resultado disso, os rebeldes liderados pelo general Mohamed Hamdan Dagalo, mais conhecido por "Hemedti", que dominam as outras capitais do Darfur começaram a avan-

çar em direcção à capital do Darfur do Norte. No fim-de-semana, nove aldeias em torno de El-Fasher foram incendiadas, como confirmou, na terça-feira, o Yale School of Public Health's Humanitarian Research Lab num relatório com base em dados de código aberto e imagens de satélite.

As notícias estão a preocupar o secretário-geral da ONU. No fim-de-semana, António Guterres emitiu um comunicado falando em relatos do terreno que davam conta de que "um ataque a El-Fasher pode estar iminente". Isso "será devastador para os civis na cidade".

Na segunda-feira, a coordenadora humanitária residente da ONU no Sudão, Clementine Nkweta-Salami, no seu balanço de um ano de conflito, traçava um retrato sombrio do que se passa no terreno: "Apesar dos horrores que já vimos, temo que o pior esteja ainda para vir: o deslizar inexorável para mais e mais privações e mais mortes, à medida que a fome bate à porta do Sudão."

Um ano de guerra civil no Sudão já matou mais de 15.550 pessoas e provocou uma das maiores catástrofes humanitárias que o mundo conheceu desde a II Guerra Mundial. Neste país africano de 48 milhões de habitantes, há 24,8 milhões de pessoas a precisar de ajuda humanitária, mais de 8,6 milhões tiveram de abandonar as suas casas (1,8 milhões de refugiados nos países vizinhos) e as perspectivas não auguram nada de bom. Segundo o Gabinete da ONU para a Coordenação dos Assuntos Humanitários (OCHA), só nas duas primeiras semanas deste mês, o número de deslocados foi engrossado com mais 107.800 pessoas buscando refúgio longe de suas casas, por causa dos combates.

"Tudo o que vi e ouvi são provas de uma guerra travada com pouca con-



Um membro do Exército sudanês caminha entre edifícios danificados em Omdurman, a segunda cidade mais

sideração pelos civis, incluindo ataques indiscriminados e terrível violência sexual", acrescentou Clementine Nkweta-Salami.

Ajuda internacional

Apesar de quase 25 milhões de pessoas desesperadas por alimento, o mundo, preso nos conflitos da Ucrânia e do Médio Oriente, constrangido por dificuldades económicas, tolhido por um regresso ao soberanismo e marcado pela influência do populismo que faz da ajuda internacional alvo de ataques políticos, vai-se mantendo indiferente à catástrofe humanitária sudanesa. Do objectivo estabelecido pela ONU de 2,7 mil milhões de dólares de ajuda ao Sudão para 2024, diz a OCHA que até 15 de Abril se haviam conseguido angariar 166,1 milhões, ou 6% do total.

A conferência humanitária de Paris, convocada para segunda-feira por marcar o dia exacto do primeiro

aniversário, "foi mais simbólica do que outra coisa", diz ao PÚBLICO Daniela Nascimento, professora de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Uma circunstância aproveitada "para tentar apelar à mobilização de fundos" que possam ser usados "também para a resposta humanitária, que é urgente e necessária".

Ainda assim, a conferência terminou com uma série de promessas de auxílio de dois mil milhões de euros e uma declaração final que pede aos beligerantes que cessem as hostilidades, respeitem o direito internacional e facilitem a chegada do auxílio humanitário às populações.

Daniela Nascimento, que se doutorou com uma tese sobre estratégias de resolução de conflitos e de consolidação da paz no Sudão, não ficou muito impressionada com aquilo que saiu da capital francesa. "Os apelos têm sido poucos, a mobilização tem sido pouca, tem-se ouvido falar pouco do conflito no Sudão, em virtude, obviamente, de um foco mediático muito mais direccionado para outras guerras, outras crises, nomeadamente a de Gaza, desde Outubro do ano passado". Uma falta de atenção que "tem resultado num agravamento significativo da situação humanitária no Sudão"

Falta de atenção "tem resultado num agravamento da situação humanitária no Sudão"

**populosa do Sudão**

transportes públicos estão a funcionar outra vez.

Os centros de abrigo e os edifícios das escolas de El-Fasher estão agora sobrelotados. Os mais afortunados conseguiram alugar casas ou mudaram-se para casa de familiares; os menos bafejados pela sorte dormem nas ruas da cidade.

Todos sentem como se desmorona a Força Conjunta de Protecção do Darfur, composta por combatentes do SLM, do Movimento Justiça e Equidade e de outros pequenos grupos armados que desde o Acordo de Paz de Juba tinham jurado não deixar que a cidade fosse tomada pelos homens das RSF. Os combates no perímetro da cidade e em Mellit foram entre os grupos do governador e do ministro das Finanças e os outros que pretendiam manter a neutralidade no conflito.

Agora, diz Abdelkarim, “as pessoas comuns pagam o preço pelas suas disputas” e perguntam-se como é que estes movimentos armados, “que eram camaradas e comiam do mesmo prato”, que eram uma força unida que os protegia da violência que se foi estendendo pelo país neste último ano, “começaram a lutar uns contra os outros”, a ponto de “muitas famílias se terem desavindo por causa da escolha dos seus familiares”?



Sudão
Uma guerra infernal
esquecida que já provocou
8,6 milhões de deslocados
Mundo, 22/23